

191
100 DIAS
UM EQUILIBRISTA NO PODER

Início do governo abre caminho árduo para manter o Real e obter apoio para as reformas

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — O balanço dos primeiros cem dias do governo Fernando Henrique Cardoso é um paradoxo na economia e na política. A inflação média no trimestre ficou abaixo de 1,5%, o que confere uma durabilidade inédita (quase dez meses) ao Plano Real. Mas passou pelo sobressalto de uma também inédita sangria de quase US\$ 3 bilhões na balança comercial, em três meses, perigo mortal para o plano que deu a eleição a Fernando Henrique. Na política, depois de costurar um acordo que lhe daria mais de três quintos no Congresso, descobriu que essa maioria era apenas teórica, apesar dos compromissos partidários e dos 36 milhões de votos conquistados em 3 de outubro.

No princípio de março, quando lideranças de todos os partidos pressionavam o Planalto em busca de cargos e de uma articulação mais clara, Fernando Henrique repelia as abordagens, inspirado num diálogo que teve antes da posse com o presidente norte-americano, Bill Clinton. "Ele me aconselhou a governar mais para a sociedade e menos para o Congresso", contou Fernando Henrique a pelo menos dois auxiliares. Na conversa com Fernando Henrique, Clinton atribuiu a derrota do seu Partido Democrata nas últimas eleições parlamentares a um erro de estratégia: "Perdi tempo com o Congresso e me esqueci da sociedade: nas eleições, fiquei sem um e sem o outro."

A conversa com o presidente norte-americano parece ter marcado a primeira fase do governo Fernando Henrique. Primeiro, ele tentou manter o que chamou de "relação institucional" com os partidos, por meio do Conselho Político, onde tinham assento os presidentes dos partidos aliados do governo. Era uma forma de se distanciar das pressões do Congresso, delegando à cúpula das legendas a administração das bancadas. O resultado foi que o País ficou quase todo o mês de janeiro sem um presidente efetivo no Banco Central, porque senadores enciumados se recusavam a votar a indicação de Pêrsio Arida para o posto.

Em fevereiro, o presidente decidiu perder algum tempo com o Congresso. Transformou o Conselho Político numa assembléia ampliada de líderes e presidentes de meia dúzia de partidos, só para ouvir críticas ao seu projeto de reforma da Previdência Social. Atendeu às queixas, modificou a proposta e descobriu, em março, que devia recuar, sob o risco de perder, junto com a Previdência, as reformas da economia. Arquivada a proposta, Fernando Henrique passou a receber parlamentares no Planalto e a frequentar jantares de bancadas. Ouviu pedidos e fez promessas, como qualquer presidente.

O conselho de Clinton também explica o caráter dramático que tomou o problema da comunicação no governo. Ao mesmo tempo em que encontrava dificuldades no Congresso, o presidente via seus 36 milhões de votos diluírem-se em índices decrescentes de aprovação nas pesquisas. O governo diagnosticou também uma queda no apelo publicitário do Real, que passou a ser um elemento comum no cotidiano do cidadão. Somado a um noticiário que muitos ministros consideravam negativo, isso levou Fernando Henrique a mandar a equipe para as emissoras de rádio e televisão para explicar os planos do governo.

"Temos de retomar a midiocracia", sugeriu o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause. A batalha da mídia resultou no pedido de demissão do jornalista Roberto Mulyaert do cargo de secretário nacional de Comunicação.

Para vencê-la, o governo deveria corresponder, nos primeiros cem dias, a um desejo de Fernando Henrique: "Quem manda no governo é o presidente", disse a um parlamentar da Bahia,



Presidente enfrenta maioria frágil no Congresso e ameaças à moeda: dificuldades na partida



Com o ex-presidente Geisel: admiração pelo estilo centralizador



Caos das finanças paulistas fez de Covas um aliado e um problema



Com Medeiros, em debate sobre a reforma: recuo na Previdência

num dia de irritação. Na prática, ministros atropelaram-se no anúncio de medidas e projetos que ainda não tinham passado pelo crivo do Planalto, abrindo frentes de atrito e provocando mais confusão na sociedade.

Fernando Henrique quis transformar a segunda reunião geral do Ministério, em meados de março, num ponto de in-

flexão de seu governo. Naquela altura, ele preferia que a marca dos cem dias passasse em branco, mas rendeu-se ao inevitável e cobrou feitos de seus ministros para divulgá-los agora. "É uma prática universal fazer balanços nessa época", explicou um importante assessor. Para o presidente, segundo um influente ministro, o importante é que "o País vai bem, apesar dos problemas do governo." Houve época, conforma-se esse ministro, em que se dizia que o governo ia bem, mas o povo estava mal.

192
Peças de um quebra-cabeça

Cem dias não bastam para definir o perfil de um presidente. Fernando Henrique inspira-se em vários de seus antecessores. Do antecessor e ex-chefe, Itamar Franco, por exemplo, ambiciona a popularidade dos últimos meses de mandato.

Em momentos de irritação com os adversários da reforma, o discurso de Fernando Henrique aproxima-se do tom agressivo do ex-presidente Fernando Collor. "Não me intimido com injúrias e arrogâncias", disse a sindicalistas em São Paulo. "Ninguém ganha no grito", advertiu no interior do Ceará, aos gritos. Mas só com a habilidade do mineiro Tancredo Neves seria possível conciliar os interesses do PSDB e do PFL como Fernando Henrique fez na campanha.

Do general que iniciou a abertura, Ernesto Geisel, Fernando



Itamar



Collor



Tancredo

Henrique deseja a autoridade no comando da equipe, centralizando as ações de governo no Palácio do Planalto — a idéia do "governo matricial", anunciado antes da posse. Fernando Henrique recebeu Geisel para um almoço no Rio, em março.

É possível ainda encontrar no perfil de Fernando Henrique traços de Emílio Médici — em conversas com parlamentares, o presidente já prometeu até asfaltar a Transamazônica, dois mil quilômetros de estrada na floresta — e até do presidente deposto pelos militares, João Goulart — com sinais trocados, o ponto comum entre os dois é a defesa de um projeto de mudanças para o País. Jango comprometeu seu governo com as reformas sociais, Fernando Henrique condicionou o sucesso de sua gestão às reformas na economia. (R.A.)



Geisel



Médici



Jango

DE CLINTON A
FH: GOVERNAR
MAIS PARA A
SOCIEDADE